

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB – elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / n.01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Este trabalho visa elucidar a proposta educativa não formal realizada pelos museus públicos e particulares baianos; destacar as ações educativas e culturais que estes desenvolvem; enfatizar os aspectos qualitativos decorrentes dessas ações; esclarecer como ocorre o desenvolvimento do papel social e pedagógico do museu; e comentar a importância do poder público – federal, estadual e municipal – criador e mantenedor da maioria dos museus baianos. Para tanto, este texto analisará a evolução histórica do surgimento e criação de instituições museológicas européias, norte-americanas e brasileiras, enfatizando de forma mais detalhada o processo educativo desenvolvido pelos espaços museais baianos, junto às comunidades às quais estão inseridos.

A comunicação e a educação através do patrimônio cultural, em todo o mundo, foram marcadas por diferentes relações interativas, interventivas e intensidades, a depender do período histórico e aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais vigentes em cada época e país. Mesmo assim, essas relações e aspectos ocorreram de forma gradual e paulatina, porém muito lenta, através dos séculos.

Os museus foram criados e mantidos, ao longo dos séculos, “pela realeza, pelo clero, pela nobreza ou pela burguesia, de acordo com seu padrão de gosto e em razão de suas necessidades” (BARRETTO, 2002a, p.62). Dessa forma, eram instituições “guardiãs de tesouros da classe dominante, principalmente obras de arte e objetos exóticos obtidos nos saques de guerra ou nas viagens de conquistas” (BARRETTO, 2002b, p.62). Essas coleções expostas, marcadas pelo gosto eclético, guardadas em prédios fechados ou em castelos, representavam a simbologia de bravura, poder e riqueza dos seus donos.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDO SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Assim, era cultuado o valor monetário do patrimônio adquirido e o seu significado, em detrimento da transmissão do conhecimento, da educação e do saber que estas coleções permitiam desenvolver. Por isso, nas exposições não havia preocupação com a comunicação dirigida aos mesmos e a educação, inexistindo textos explicativos e etiquetas informativas alusivos aos objetos exibidos, pois se presumia que os visitantes convidados eram conhecedores dos temas expostos. Os espaços físicos utilizados para essas exposições formavam um amontoado de objetos valiosos, salas de curiosidades que serviam para deleite e contemplação da elite dominante.

O acesso a esses “museus” era restrito, portanto, a um seletivo grupo de eleitos, considerados *experts* nos temas tratados nas coleções mostradas, conforme ressalta Barretto (2002c, p.64):

No século XVII, somente viajantes distintos e cientistas podiam apreciar as coleções e os jardins botânicos dos príncipes europeus. A partir de 1700, a Galeria Imperial de Viena, o Palácio Quirinal de Roma e o Escorial da Espanha permitiram a entrada de público mediante o pagamento de uma taxa, e a Galeria da Corte de Dresden (atual Alemanha) facilitou as visitas a partir de 1746. O Asmolean, na Inglaterra, considerado museu público, permitia a entrada de especialistas, estudiosos e estudantes universitários, e os museus que dependiam da Igreja só permitiam a entrada de convidados especiais, artistas e elite governante.

A inauguração do Museu do Louvre, em Paris, no final do século XVIII, representa um grande marco na história da interlocução entre os museus e a comunidade mais ampla, por ser o primeiro a abrir suas portas ao grande público, com acesso gratuito. Muito embora, tal atitude tenha sido adotada não por visar exclusivamente à educação da população, e sim para atender à disseminação dos “valores burgueses pós-revolução” (BARRETTO, 2002d, p.64), no período após a Revolução Francesa.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

No século XIX, em maior amplitude, os museus artísticos, históricos, arqueológicos, científicos e industriais, dentre outros, outrora financiados pelo clero, burguesia e/ou nobreza passam a ser subsidiados pelo Poder Público. Principalmente no caso das instituições com acervos¹ históricos e artísticos, anteriormente mantidos por famílias e instituições financeiramente bem estabelecidas. A progressiva redução do poder aquisitivo dos segmentos sociais que subsidiavam os museus, até então, acabou refletindo nessa área da ação cultural, surgindo paulatinamente em seu lugar associações de amigos dos museus, que passaram a sustentar as instituições através do mecenato de grupos². No século XX, outro sistema de uso crescente garantiu a gestão de museus por meio de fundações³, prática atualmente bastante difundida.

Um exemplo da tendência de mecenato de grupos é o Museu Metropolitan de Nova York, criado no final do século XIX, em 1870, que deu início, em verdade, à vertente da sustentabilidade por sócios e patrocinadores. Porém, esta parceria estabelecida causou grande controvérsia no meio museológico mundial, em relação às exigências que o mecenas pode fazer para manter a dotação orçamentária destinada à instituição que patrocina. Em alguns episódios, chegaram a intervir na concepção filosófica do estabelecimento cultural. Paulatinamente, posturas desse tipo vêm sendo alteradas, com o aumento de pessoas que investem em museus, assim como, em consequência da crescente preocupação com a profissionalização do mercado cultural. Isso tranquiliza a área museológica por saber que um profissional estabelecerá uma parceria que seja boa para ambas as partes, e ao empresariado que pode direcionar seus esforços mais para a análise do retorno que pode obter para sua empresa e a resposta institucional com a divulgação da

¹ Peças que compõem as coleções de um museu.

² Grupos de pessoas patrocinadoras e protetoras da cultura. Por exemplo, a Família Médici, na Itália e Assis Chateaubriand e Cicillo Matarazzo, maiores mecenas paulistas, no Brasil.

³ É constituída juridicamente, através de escritura pública ou testamento, a partir de um patrimônio destinado por uma pessoa física ou jurídica, sujeito à fiscalização do Ministério Público. Exemplos: Fundação Calouste Gulbenkian, Gates, Solomon R. Guggenheim, Oriente; Brasil, Bahia, Carlos Costa Pinto, Clemente Mariani e Econômico Miguel Calmon.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

marca, deixando todo o planejamento e organização da referida parceria com o produtor cultural. Mesmo assim esta é uma questão que requer cautela. Vale registrar que o modelo de gestão de mecenato de grupos permitiu que novos segmentos e classes sociais tivessem acesso aos museus, o que aproximou, um pouco mais, o museu do público mais amplo, mesmo que essa abertura tenha sido mais praticada para o acesso e não com a preocupação com o desenvolvimento de ações voltadas para a questão educativa, efetivamente.

Com o início do século XX, e de forma mais acentuada a partir dos anos 50, parte considerável dos museus começou a mudar, substancialmente, as abordagens filosóficas da museografia⁴ em exposições de longa duração, restringindo a concepção vigente até então, de valorização aos grandes feitos históricos, para mostrar este processo através do embasamento na ciência, o que foi impulsionado pela Antropologia. Concomitantemente, os museus tradicionais passaram a ser questionados por profissionais da área específica e afins e começam a ser defendidos os patrimônios cultural, natural e ambiental, buscando-se trabalhar e valorizar o cotidiano que tem o indivíduo como elemento central das ações a serem realizadas.

Paralelamente, aprimorar a comunicação praticada pelos museus é uma preocupação constante por parte dos profissionais de museus, em a busca da sua renovação. Assim, diversos encontros museológicos foram realizados na América Latina objetivando discutir problemas comuns aos mesmos e estabelecer novas diretrizes. Dentre os primeiros, em 1958, foi realizado no Rio de Janeiro, o Seminário Regional da Unesco, sobre A Função Educativa dos Museus. Como o próprio tema traduz, demonstra preocupação com o processo educacional desenvolvido pelos museus, assim como, o modo de expor os objetos – com textos e etiquetas reduzidas – e o aperfeiçoamento profissional necessário, devido à diversificação das tipologias de coleções.

⁴ Concepção técnica utilizada na montagem de exposição.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Em 1972, ocorreu no Chile, a Mesa Redonda de Santiago onde foram discutidos os principais problemas da área museológica. Esse encontro produziu a Declaração de Santiago que conceituou a instituição museal como “Museu Integral”, por defender e trabalhar o patrimônio de forma global, de maneira a enfatizar seus aspectos cultural e material, tendo-o como um instrumento de desenvolvimento da comunidade na qual encontra-se inserido, conforme ressalta:

“... o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.” Declaração de Santiago, 1972.

A Declaração de Santiago, como ficou denominada, registra, também, preocupação com a comunicação quando faz inserir a seguinte recomendação, “as técnicas museográficas tradicionais devem ser modernizadas para estabelecer uma melhor comunicação entre o objeto e o visitante.”

Todas essas inquietações e novas formas de se trabalhar os museus, ao longo da história, compõem o Movimento Internacional para uma Nova Museologia – MINOM, que foi oficializado em 1985, em Lisboa, Portugal, no II Encontro Internacional – Nova Museologia / Museus Locais. Tal movimento defende a implantação de uma nova concepção filosófica museológica⁵, que valoriza o cotidiano do cidadão e o tem como elemento basilar das ações educativas. Para tanto utiliza os espaços internos e externos do museu, em oposição às práticas adotadas, até então, onde o acervo era sacralizado, ou seja,

⁵ Nesse contexto, refere-se à forma de se trabalhar os museus que adotaram essa nova concepção filosófica, desde a sua missão e objetivos até o modelo adotado de se trabalhar seu visitante.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

era o centro das atenções e única razão para existência da instituição museal. Assim, esses espaços – também começaram a ser questionados – que tinham as funções de coletar e expor, passaram a desenvolver outras atribuições: preservar, conservar, restaurar, documentar, pesquisar, informar, expor e educar.

A educação não formal torna-se o foco central exercida por equipe interdisciplinar, geralmente formada por componentes das seguintes profissões: Pedagogia, Museologia, História, Turismo, Artes Plásticas e estagiários das mesmas. Essa ação passou a ser desenvolvida no próprio museu, em escolas ou outros, buscando sempre uma interação dialógica que proporcione o despertar para a simbologia dos objetos expostos. Enfim, através dessas interações, o museu passou a exercer sua função social e priorizar a montagem de exposições atraentes, com poucos textos e etiquetas informativas das peças com termos compreensivos. Em sua relação com a educação formal, essa busca de interação passa a oferecer às escolas, uma programação educativa diversificada, composta por visitas monitoradas em exposições de longa duração e temporárias, palestras, oficinas, cursos, concursos e exibições de vídeos, ou seja, atividades que complementem os conteúdos programáticos escolares. Essa articulação entre a natureza educativa não formal do museu com a educação formal vivenciada nas escolas, é uma prática que tem demonstrado ser uma ação benéfica para ambos: o espaço museal recebe alunos que já estudaram os temas expostos, em sala de aula, e a escola analisa, *in loco*, objetos contextualizados historicamente, representativos dos temas estudados, cuja visita é acompanhada de outras atividades didáticas e/ou recursos audiovisuais. Esse exercício tem sido cada vez mais expandido pela complementariedade das ações mútuas entre museus e escolas.

Realidade Brasileira: desenvolvimento da função social do museu.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

No Brasil, as instituições museológicas foram criadas e mantidas inicialmente pelo Estado, com enfoques principais em duas vertentes, exposição da história natural ou representação dos grandes feitos históricos brasileiros. Representativos da primeira concepção estão o Museu Real foi o primeiro instalado no Brasil fundado, em 06 de junho de 1818, por D. João VI, composto por acervos de ciências naturais e antropológicas, e ajardinamento nos moldes dos franceses. Desde 1922, é denominado Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e está instalado na Quinta da Boa Vista, com cerca de 10.000 peças expostas, em uma área de 3.8000m² e reconhecido como núcleo de pesquisa, e o Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1866, em Belém - Pará.

Na segunda vertente, os museus foram criados sob a ótica de uma herança européia, que defendia a exaltação dos grandes feitos históricos, na busca da implantação de uma política de consolidação do Estado Nacional brasileiro, com o intuito de fortalecer uma identidade nacional. Nesta concepção, o museu era um “[...] repositório dos símbolos pátrios, capaz de configurar aquilo que nos orgulha [...]” (LOURENÇO, 1999, p.80). Por atender fielmente a essa filosofia é um marco a criação, na segunda metade do século XIX, o Museu do Exército, em 1864, o da Marinha, quatro anos depois, ambos no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, 1894 e o Museu Paulista, em 1895. Este, com cerca de 100.000 peças.

No início século XX, outros museus são criados sob essa mesma concepção européia, de valorizar os grandes feitos históricos, o Museu de Arte do Estado da Bahia, em 1918, e do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, em 1922. Este, por Gustavo Barroso⁶, seu primeiro diretor e grande defensor de uma política de preservação, conservação e restauração do patrimônio histórico e artístico brasileiro. Principalmente, na década de 30,

⁶ Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Cria o primeiro curso de Museologia do País, em 1932 e a Inspeção dos Monumentos Nacionais, em 1934.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

diversos outros museus foram implantados, em vários estados brasileiros, nessa mesma vertente, de valorizar as grandes ações históricas, buscando alcançar o fortalecimento da identidade nacional. No museu “[...] a guerra, a história militar e as grandiosas realizações artísticas assumiram papel de destaque e os períodos históricos foram ordenados segundo as formas políticas de governo.” (CHAGAS e SANTOS, 2002, p.200).

Um depoimento de Hall (2002, p. 56) reflete plenamente o sentimento da área museológica, neste momento, quando em relação ao “discurso da cultura nacional” ele afirma: “se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade”. A questão positiva é que significativa parte dos profissionais de museus percebeu que avançar em uma nova concepção museológica e museografia é um caminho imprescindível, para melhoria da comunicação e interação entre museus e comunidade, mesmo preservando algumas características das concepções tradicionais.

A década de 1950 foi marcada pelo surgimento dos museus de Arte Moderna em todo o País, o que representa um passo significativo no acesso aos museus pelas minorias artísticas – já que as obras produzidas por artistas emergentes, ou ainda, não consagrados pelas grandes escolas eram discriminadas - mesmo que de forma ainda aquém do desejável. Com a abertura de espaços para mostra desse tipo específico de expressão, uma grande camada da classe artística se sente pertencente e representado nos espaços museais, por estar compondo a exposição permanente ou temporária, por poder visitar ou por este acervo exposto ter uma identidade com a mesma e passa a freqüentá-los.

A década de 70 foi marcada pela criação de museus pequenos, em sua maioria mantida com recursos públicos, tendência que demonstra a disposição das instituições de buscar mostrar o cotidiano do cidadão comum em contraposição à sacralização da história oficial e

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

científica, que passou a sofrer críticas. O museu passa por uma revisão conceitual, ao tempo em que começa a questionar o seu próprio papel social na comunidade na qual está inserido. Procura-se “redimensionar a função pedagógica e social do museu, buscando uma ruptura com o museu tradicional e uma intensificação das relações com o público” (BARRETTO, 2002e, p.62). Para tanto, monitores passaram a ser treinados para um atendimento satisfatório a esse público e inúmeras atividades começaram a ser programadas e desenvolvidas facilitando e disseminando o aprendizado, dentre outras ações educativas e culturais.

Os museus de Arte e de História passaram a adotar uma museografia didática e lúdica, com uso painéis e vitrines interativos, iluminação cênica, recursos de ambientação com cenas cotidianas, som e imagem e equipamentos multimídias, adoção de uma linguagem simplificada com textos e etiquetas⁷ claros e precisos, para que sejam compreensivos a todos os visitantes, independente da classe social e nível de escolaridade. Isso atende à diversidade cultural, de modo a permitir que o visitante abandone o papel do observador para atuar de forma mais interativa.

O museu passou, portanto, a atuar como uma instituição educativa para o conjunto da sociedade. Conforme elucida o museólogo Souza (*et al*, 2002). “Os museus ao reconhecerem que além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar são instituições a serviço da sociedade e buscam através de ações educativas tornarem-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades”.

Alguns museus com acervos tradicionais e apresentados ao público de forma simplificada, passaram a se dedicar à educação não formal em uma interlocução direta, e de forma continuada, com as escolas públicas e particulares. Para isso adequam os temas tratados na

⁷ Um exemplo típico é o da utilização do termo genuflexório, que significa cadeira de ajoelhar. Assim, palavras como essa, não usual, passaram a ser traduzidas ou substituídas nas etiquetas das exposições.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

exposição aos conteúdos programáticos escolares, em uma complementação à educação formal, utilizando o patrimônio como recurso pedagógico. Para um melhor resultado, as mostras são acompanhadas de palestras, exibições de vídeos, oficinas, concursos, dentre outros, para que o processo reflexivo ocorra de forma mais natural, pois para os profissionais de museus, adeptos da Nova Museologia “a função maior da utilização dos bens culturais como recursos didáticos só é alcançada no momento em que, através da análise das vivências do passado, chega-se a entender o momento presente, em uma reflexão crítica que será provocadora de ações futuras” (SANTOS, 1987, p.194).

Para atender a essa nova proposta, as exposições nos museus tradicionais passam a ser montadas com o objetivo de conscientizar e mostrar as possíveis soluções para os problemas enfrentados pela população em seu dia-a-dia; a tratar de temas do cotidiano – tais como saúde, preservação do meio ambiente, do patrimônio material e imaterial – onde as experiências locais e os interesses comunitários recebem uma maior atenção e são valorizados. Há uma melhor interação com o público que atende, de tal forma que alcance o sentimento de pertencimento. Em alguns casos essa própria comunidade é que monta o museu e dele faz parte. Essa metodologia de trabalho dissemina, e assim, a Nova Museologia ganhou maior força e adeptos na década de 90. Marcou este processo o surgimento de instituições como o Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz⁸, o EcoMuseu do Cerrado⁹, o Ecomuseu de Itaipu¹⁰ e museus comunitários,

⁸ É uma nova modalidade de museu criada “a céu aberto” no bairro de Santa Cruz, Rio de Janeiro, formada por diversas instituições, tais como o Palácio São Cristóvão, Palácio Real (onde D. João VI descansava), Fazenda Imperial de Santa Cruz D. Pedro II, Hangar Zeppelin (atualmente é o único no Brasil, existem mais dois na Alemanha), Matadouro do Rio de Janeiro, Colégio Imperial, Primeira agência fixa de Correios do Brasil. O Ecomuseu engloba todo esse conjunto arquitetônico, caracterizado por um efetivo trabalho com a comunidade na qual encontra-se inserido.

⁹ É um ecomuseu formado por uma área de 500 mil há, com uma população de 240 mil habitantes, envolvendo parte do estado de Goiás e oeste do Distrito Federal, que tem por finalidade preservar todo o patrimônio natural e ambiental, tais como floresta, cachoeira e rios, e o imaterial produzido por esta comunidade.

¹⁰ Formado pela área que envolve a Hidrelétrica de Itaipu. Existe, também, uma exposição dos espécimes naturais da região.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

dentre eles o Museu Didático Comunitário de Itapoan¹¹, criado na Bahia, em 1994, que já nasceram sob essa nova ótica filosófica e metodológica. Em sua maioria são mantidos pelas prefeituras e, em alguns casos, através de parcerias diretas com a comunidade local.

Analisando as ações que contribuem com a educação do cidadão, via os museus baianos, pode-se diagnosticar que os mesmos realizam o Programa Museu-Escola, com estabelecimentos de ensino de Salvador, Região Metropolitana e do interior do Estado, com atendimento especializado através de monitores a alunos de todos os seus níveis escolares, fundamental, médio e superior, visando desenvolver uma atividade educativa não formal, extra-classe e de forma didática e lúdica, articulada aos conteúdos programáticos das escolas.

O desenvolvimento desse Programa Museu-Escola, contudo, é apresentado de forma diferenciada em cada unidade museal, variando de acordo com o acervo e a dotação orçamentária. Os alunos são recebidos por museólogos, pedagogos, artistas plásticos ou outros profissionais de áreas afins, que os conduzem ao auditório ou sala multiuso, onde participam de uma palestra ou à exibição de um vídeo sobre a história da criação da instituição visitada e o tema tratado em sua exposição de longa duração. Em seguida, são conduzidos pelas salas de exposição para a visita monitorada. Em alguns casos, antes da finalização, são realizadas atividades complementares tais como desenho, pintura, respostas a questionários ou oficinas de arte. Há a opção de uma programação diferenciada para as escolas públicas que apresentam dificuldades financeiras, para custeio da condução dos alunos até o museu, ou para aquelas que desenvolvem projetos especiais, tais como, feira de ciência, festival de cultura, dentre outros. Nestes casos, os profissionais dos museus realizam a ação educativa na própria escola. Geralmente através de palestras acompanhadas com recursos audiovisuais e exposição itinerante.

¹¹ Criado em Salvador, no bairro de Itapoan.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Para o público estudantil, residentes locais ou turistas, são realizados, também, cursos, seminários, concurso de redação, exposições temporárias e itinerantes, apresentações musicais, teatrais, dança, cinema, vídeo e poesia, oficinas de pintura, cerâmica, teatro, projetos culturais, lançamento de livros, catálogos, *folders*, dentre outros. Todos esses suportes contribuem para aumentar, gradativamente, a ação comunicativa e educativa entre o museu e a comunidade, o que tem colaborado significativamente para a popularização e deselitização dos mesmos.

Diversas experiências educativas realizadas pelas instituições museológicas baianas merecem registro, porém, apenas algumas serão destacadas neste artigo. Alguns museus¹² desta Capital integraram o projeto A Escola Vai Onde o Museu Está, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria de Educação, por dois anos consecutivos, em 2001 e 2002. A realização desse projeto atendeu às seguintes etapas: inicialmente houve integração entre coordenadores da Secretaria, em questão, e dos profissionais dos museus para discussão da proposta e fornecimento material informativo para embasamento dos professores, sobre os temas tratados em cada unidade museal; no início do ano letivo, as escolas municipais formataram o Projeto Interdisciplinar. Durante alguns meses o corpo docente trabalhou, junto ao alunado, os temas abordados nos museus, a partir das coleções expostas. Em seguida os alunos escolheram, entre os espaços museais de Salvador, os que desejaram visitar, assim, a visitação fora agendada com o Setor Educativo dos selecionados. Após a visita monitorada, os professores realizaram, nas escolas, oficinas de desenho, finalizando com uma exposição das obras produzidas.

A concepção deste projeto foi inovadora e exequível por ter contado com o envolvimento dos corpos docente e discente na realização de uma proposta conjunta; a integração entre

¹² Museu Abelardo Rodrigues, Arte da Bahia, Arte Moderna da Bahia, Carlos Costa Pinto, Cidade, Eugênio Teixeira Leal, Geológico, Henriqueta Catharino; Náutico e Temporal.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

museus, alunos e professores, possibilitou alcançar os objetivos traçados de forma satisfatória; o fornecimento antecipado de informações sobre cada museu proporcionou uma melhor preparação dos alunos para a visita e conseqüentemente um maior aprendizado; a escolha, pelos alunos, das coleções visitadas gerou uma maior interação devido à identificação com os mesmos. Foi um programa de incentivo ao conhecimento da cultura baiana, uma vez que além dos museus foram visitados igrejas e o Pelourinho, pólo das culturas material e imaterial. Vale salientar que muitos desses jovens entraram no museu pela primeira vez e experimentaram, com o passeio de forma geral, uma das mais ricas formas de aprendizado unido ao entretenimento e lazer, visto que pertencem a classes sociais de baixo poder aquisitivo, onde as opções de diversão são bastante limitadas. A programação incluiu, também, refeições e transporte.

O Museu Eugênio Teixeira Leal/Memorial do Banco Econômico¹³ é uma instituição particular mantida pelo Banco Econômico em Liquidação Extrajudicial, cuja exposição de longa duração está dividida em quatro módulos temáticos: Medalhas, Condecorações, História do Banco Econômico e História do Dinheiro. Duas pedagogas e uma museóloga coordenaram uma peça teatral, que tratou de um dos temas, a História do Dinheiro, desenvolvida com oito pré-adolescentes em situação de risco, que construíram o roteiro, cenário e figurino. As profissionais tiveram as funções de incentivar a execução do trabalho, delimitar horários, supervisionar a criação do roteiro – que teve como embasamento o livrete que conta a referida história – cenário e figurino, fazendo os ajustes necessários. Foi uma atividade que gerou resultados positivos por incentivar a integração e a socialização através do trabalho em equipe, estimular a criatividade, desenvolver o raciocínio lógico e a memorização, além de resgatar a auto-estima. No final do ano de 2001 os oito “atores” fizeram sua estréia, apresentando-se para o público.

¹³ Administrado pela Fundação Econômico Miguel Calmon.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

O Museu Eugênio Teixeira Leal/Memorial do Banco Econômico produziu um livrete que conta toda a história do dinheiro, do escambo¹⁴ ao cartão magnético, perpassando por todos os padrões monetários que vigoraram no Brasil, até o Real. A contextualização é intercalada por fotografias ilustrativas de cédulas, moedas e demais elementos e serviços¹⁵ relacionados ao dinheiro. A obra, impressa em 22 páginas, é distribuída às escolas visitantes.

O referido museu realizou, em parceria com a Prefeitura Municipal de Salvador, um concurso de redação, intitulado A Paz em Meu Bairro, envolvendo alunos de escolas públicas, do bairro Valéria, localizado no subúrbio desta Capital, reconhecido como bastante violento. O processo preparatório e seletivo durou os três últimos meses do ano de 2001 e contou com a atuação conjunta das instituições envolvidas. Esta atividade visou sensibilizar a comunidade sobre a necessidade de reduzir a violência no bairro e adjacências, e a importância da convivência harmônica para o desenvolvimento pessoal e da localidade. O concurso contou com o patrocínio do Banco Bilbao Vizcaya para pagamento dos prêmios dos três primeiros classificados, deslocamento dos familiares e professores, do bairro até o museu, para solenidade de entrega da recompensa.

Outra atividade educativa foi o projeto Ritmos e Ritos Populares da Bahia, realizado por dois anos consecutivos, em 2001 e 2002, desenvolvido pelo Museu Eugênio Teixeira Leal/Memorial do Banco Econômico, em parceria com o IRDEB. Teve como objetivo de divulgar as genuínas expressões da cultura popular da Bahia, produzidas e preservadas por artistas populares do Interior deste Estado, bem como, resgatar nossas origens através dos patrimônios imateriais, representados através da música, dança, tradição e história oral. A ação educativa foi composta por exposições temporárias que retrataram a musicalidade e rituais do folclore baiano, através de indumentárias, adereços, utensílios e instrumentos

¹⁴ Troca de mercadoria por mercadoria.

¹⁵ Bancários e de transações eletrônicas.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

musicais; mostra em duas sessões diárias de vídeos documentários, da série Bahia Singular e Plural¹⁶, a escolas públicas e particulares de Salvador, sendo que após a exibição dos filmes os alunos participavam de uma oficina de desenho onde produziam material ilustrativo sobre esses grupos folclóricos; semanalmente, esses grupos vinham a Salvador para desfilarem, cantando, tocando e dançando pelas ruas do Pelourinho, palco de constantes manifestações culturais do nosso povo, proporcionando, assim, uma interação entre o museu, comunidade e a tradição popular. Esta atividade apresentou resultados positivos, superando as expectativas, pois além de alcançar os objetivos propostos, o Setor Educativo do Museu realizou até quatro exibições diárias dos vídeos documentários para atender às solicitações das escolas. Os componentes dos grupos folclóricos ficaram satisfeitos com o convite para o desfile em Salvador e de ter réplicas de suas roupas como acervo exposto em museu, bem como, pelo acolhimento da instituição. Os visitantes podiam, também, ouvir os CD com músicas dos mesmos temas.

O projeto Museus a Gosto de Todos foi realizado em 2003 e 2004, durante 11 dias, em diversas unidades culturais localizadas no Pelourinho, tais como, museus públicos e particulares¹⁷, galerias de arte¹⁸, praças¹⁹ e ruas²⁰. A programação foi composta por atividades para todos os níveis etários, de escolaridade e sociais, com palestras, oficinas, cursos, mesa redonda, vídeos documentários, cinema, música, teatro, dança, poesia, artes plásticas, exposições temporárias e shows, além das apresentações de manifestações folclóricas. As atividades técnicas e científicas²¹ tiveram como enfoque, a historicidade da região, discutindo a pluralidade Cultural, bem como, sua multiplicidade de aspectos que compõem as realidades social, geográfica, artística e histórica, na reflexão da influência do passado no presente e a importância da cultura

¹⁶ Registro audiovisual dessa cultura popular tradicional.

¹⁷ Museus públicos federal: Afro-brasileiro. Estadual: Abelardo Rodrigues, Cidade, Temporal, Udo Knoff e Instituto Mauá. Municipal: da Cidade, da Câmara Municipal. Particular: Museu Eugênio Teixeira Leal e Fundação Casa de Jorge Amado.

¹⁸ Galerias: Solar do Ferrão e Galeria Pedro Archanjo.

¹⁹ Praças Pedro Archanjo e Tereza Batista.

²⁰ Ruas João de Deus, Gregório de Mattos e Alfredo Brito.

²¹ Palestras, oficinas, cursos, mesa redonda e exposições temporárias.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

regional e local. As demais atividades, representadas através de diversas linguagens artísticas, contribuíram para divulgar as culturas popular e erudita como forma de entendimento e lazer, também, nos museus.

Dentre outros fatores qualitativos mensuráveis proporcionados pelo projeto Museus a Gosto de Todos, tais como, aperfeiçoamento dos agentes culturais envolvidos nas atividades, abertura de novos campos para atuação de artistas, descoberta de novos talentos e divulgação de artistas emergentes, pode-se focar a capacitação, profissionalização e, conseqüentemente, melhoria salarial de artistas e produtores culturais. Para exemplificar serão relatados três casos, decorrentes deste projeto, a começar pelo estudante de dança, Ronaldo Muniz dos Santos, que atuou como assistente da Coordenação de Infra-estrutura do Museus A Gosto de Todos. Com a pontuação do certificado e experiência passou de aluno para a classe profissional e hoje é contratado como dançarino do Corpo de Dança do SESC/SENAC. A extensa programação deste projeto contou com a apresentação da peça Lea, Cléa e Azaléia, no Museu Abelardo Rodrigues, cujos atores ao constatarem a eficiente atuação de Deise Lobo, Coordenadora da Comissão Artística, durante a organização e execução, contrataram-a como produtora cultural do grupo.

Outro caso relevante ocorreu com o ator e diretor de teatro, Aldo Sá, que participou das duas edições deste projeto. Ele atuou na Comissão Artística e dirigiu a peça teatral Marília, inserida na programação, em cartaz no Café Teatro Zélia Gattai, da Fundação Casa de Jorge Amado. Por conta do sucesso da peça, ele conseguiu incluí-la na pauta do Teatro Vila Velha, em setembro, e na do Pelourinho Dia e Noite, em novembro, onde lucrou com a venda dos ingressos e recebimento de *cachê*, respectivamente. A sua participação nessa programação abriu-lhes as portas para a profissionalização e reconhecimento da atuação profissional.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Em 2004 foi realizado um amplo projeto com diretores, supervisores, coordenadores e professores de escolas públicas e particulares localizadas em Salvador, objetivando uma interação entre estes e os museus, assim como, tratar dos temas expostos nos espaços museológicos. Inicialmente foi realizado um seminário intitulado Novas Perspectivas para a Educação, onde os recepcionistas estavam vestidos com trajes de época, réplicas das usadas em séculos anteriores, e que fosse condizente com as coleções expostas. Outros encontros e palestras ocorreram com os professores, dando continuidade a este primeiro encontro. Os professores puderam optar pela condução dos alunos a um determinado museu fazendo uma inter-relação entre as coleções expostas e o assunto ministrado em sala de aula, de acordo com o conteúdo da grade escolar.

O acervo do Museu Abelardo Rodrigues é formado por 808 peças de arte sacra cristã: santos, oratórios, crucifixos e pinturas. Por isso são inúmeras as atividades educativas e culturais realizadas relativas ao tema. Há oito anos consecutivos, desenvolve atividades em louvor ao Santo Antonio, com todas edições marcadas pela grande presença dos devotos do santo casamenteiro. Em 2004, pode-se rotular de especial devido à ampla abrangência da ação educativa. O projeto, intitulado Devoção Junina: do erudito ao popular, foi composto por oficinas de elaboração de projetos culturais, teatro, cenário e figurino, em parceria com a Fundação do Desenvolvimento do Adolescente e da Criança – FUNDAC, e Grupo Gérmen, exposição temporária em homenagem ao santo e exibição de vídeos. Os participantes dessas oficinas produziram todos os elementos necessários à realização da proposta: a de projetos culturais, elaborou a programação de todo o processo devocional, que durou 13 dias, nas etapas do planejamento, organização e realização da ação; a de Teatro montou uma peça que encenou o poder do santo casamenteiro; e a de Cenário e Figurino confeccionou toda a indumentária, cenário e decoração de todo o espaço do Museu, palco para a celebração a Santo Antônio. A atividade apresentou resultados bastante positivos por um tema religioso, devocionado na Bahia, como elemento educativo;

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

sensibilizar para a necessidade da preservação do patrimônio, através sobre a educação patrimonial; trabalhar a profissionalização dos participantes dessas oficinas e o intercâmbio entre as instituições envolvidas, por interagir os diversos setores da instituição em uma ação conjunta no planejamento, organização e realização das ações.

No segundo semestre de 2005, foi realizado na Faculdade Baiana de Ciências – FABAC, a Semana da Cultura, que possibilitou uma efetiva divulgação dos museus em uma instituição de ensino superior. Todas as ações giraram em torno de uma exposição temporária sobre os museus baianos, na referida faculdade. A ação educativa foi composta, inicialmente, pela preparação dos alunos do 4º. semestre, do curso de Turismo, para atuarem como monitores. Para tanto, receberam aulas sobre História da Arte e Educação Patrimonial, para que compreendessem a função social do museu, o histórico e acervo dos museus para embasá-los de informações sobre os temas expostos nos mesmos e poderem orientar bem aos visitantes, e Postura e Comportamento para que aprendessem como atuar durante a monitoria. A exposição ficou montada por uma semana, os alunos atuaram como monitores vestidos com réplicas de roupas de época, dos séculos XVIII e XIX, condizentes com os acervos expostos. Além dos aspectos positivos já elencados, pode-se destacar o aprimoramento profissional desses estudantes; o conhecimento da história da arte; a sensibilização para a preservação do patrimônio cultural; a divulgação direta dos museus em uma unidade do ensino superior; a publicação de material noticioso sobre a atividade em jornais locais e interno, e a interação entre órgãos públicos envolvidos e a faculdade particular.

Estas, e outras atividades educativas e culturais não elencadas neste trabalho, muito contribuíram com a educação formal, realizada pelas escolas, faculdades e universidades, por ser uma ferramenta de fundamental importância para compreensão da história da Bahia e do Brasil. Também contribuíram para o entretenimento e lazer, resgate da auto-estima,

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

educação patrimonial, divulgação do patrimonial material e imaterial, da cultura erudita e popular, aprimoramento profissional, geração de emprego e renda. Como visto, os museus tradicionais encontraram como alternativa trabalhar o acervo, de forma interativa, do modo que possa ser entendido pela população e, que seja um instrumento de transformação social, tendo o homem como o elemento central, basilar de todas as ações educativas, buscando desenvolver o conhecimento integral do indivíduo enquanto sujeito do processo transformador da sua realidade e conscientizá-lo do seu papel de cidadão.

Vale ressaltar que esse é um longo caminho a ser percorrido. Muito foi realizado, principalmente nestes últimos 30 anos, mas ainda há muito por se fazer. As experiências aqui relatadas demonstram que é um caminho possível de ser trilhado, com algumas dificuldades, especialmente de recursos financeiros e humanos, porém com perspectivas positivas de desenvolvimento de um trabalho educativo junto à sociedade, onde a instituição museológica possa desenvolver a sua função social, atingindo novos horizontes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).

A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO BAIANO: EDUCAÇÃO E ARTE

BINA, Eliene Dourado – UNEB - elienebina@ig.com.br

GE: Educação e Arte / no. 01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Papirus, 2002.

BENCHETRIT, Sarah Fassa; BITTENCOURT, José Neves. **Historia Representada: o dilema dos museus**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda. **A Vida Social e Política dos Objetos de um Museu**, Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.34, p.195-222, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus Acolhem o Moderno**. São Paulo: Edusp, 1999.

MENDONÇA, Edgar Sussekind. **A Extensão Cultural dos Museus**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar Contemporaneamente a Museologia**. Lisboa: Cadernos de Sociomuseologia, Nº 16. 1999. In: Declaração de Santiago, 1972.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu, Escola e Comunidade – Uma Integração Necessária**. Salvador: Bureau, 1987.

_____. **Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1990.

TIGREIROS, F dos Santos. **Museu e Educação**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 2ª edição, 1958.

BINA, Eliene Dourado – GRUPO DE ESTUDOS SOCIAPRENDE: EDUCAÇÃO EM VALORES – elienebina@ig.com.br

Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da UNEB, Mestranda.

Museóloga e Pedagoga. Professora em instituição de ensino superior.

Orientadora: Maria José de Oliveira Palmeira (Marita).